

A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932 NO VALE DO TAQUARI/RIO GRANDE DO SUL

THE CONSTITUTIONAL REVOLUTION OF 1932 IN THE VALE DO TAQUARI/RIO GRANDE DO SUL

Janaine Trombini¹

Luís Fernando da Silva Laroque²

Resumo: A Revolução Constitucionalista iniciou-se em São Paulo em julho de 1932 e tinha a intenção de derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Esta revolução repercutiu em vários territórios brasileiros, como é o caso do Rio Grande do Sul e o Vale do Taquari, região localizada na porção centro-leste do Estado. Este estudo tem como objetivo analisar municípios do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, que apoiaram os paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932. O método caracteriza-se por uma abordagem qualitativa com análise de conteúdo no que se refere a dados coletados na revisão bibliográfica e documental em arquivos e jornais existentes na região do Vale do Taquari. As informações levantadas e analisadas com base em teóricos como Bezerra (1988), Ribeiro (2001) e Silva (2015) têm apresentado que os levantes ocorridos nos municípios de Encantado, Lajeado e Progresso, no Vale do Taquari, representaram movimentos sociais e políticos em apoio da causa paulista, porém foram todos reprimidos pelas forças governamentais.

Palavras-chave: Constituição; Rio Grande do Sul; Vale do Taquari; levantes; apoio.

Abstract: The Constitutionalist Revolution began in São Paulo in July 1932 and had the intention to overthrow the provisional government of Getúlio Vargas and to convene a National Constituent Assembly. This revolution had repercussions in several Brazilian territories, as is the case of Rio Grande do Sul and the Vale do Taquari, a region located in the center-east portion of the State. This study aims to analyze municipalities in the Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, which supported the Paulistas in the Constitutionalist Revolution of 1932. The method characterize itself by a qualitative approach with content analysis regarding data collected in the bibliographic review and documentary in archives and newspapers in the Vale do Taquari region. The information collected and analyzed based on theoreticians such as Bezerra (1988), Ribeiro (2001) and Silva (2015) have shown that the uprisings in the municipalities of Encantado, Lajeado and Progresso in the Vale do Taquari represented social and political movements in support of the Paulista cause, but were all repressed by government forces.

Keywords: Constitution; Rio Grande do Sul; Vale do Taquari; uprisings; support.

Introdução

A Revolução Constitucionalista iniciou-se no estado de São Paulo em 09 de julho de 1932 com a insatisfação do governo provisório de Getúlio Vargas iniciado em 1930. Os paulistas esperavam a convocação de eleições e a promessa por uma nova constituição pelo

¹ Graduada em História pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento pela mesma universidade, Lajeado/Brasil. Bolsista PROSUP/CAPES. E-mail: janainet@universo.univates.br.

² Doutor em História, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento e do curso de História da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado/Brasil. E-mail: flaroque@univates.br.

governo Vargas quando entrou no poder. Como nem a nova eleição e nem a nova constituição foram efetivadas, surgiram levantes contra o governo de Getúlio Vargas e pelo processo de constitucionalização do país³. Os conflitos e alguns movimentos da época em favor disto foram chamados de revolução⁴ e ocorreram, principalmente, no estado de São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Evidencia-se que durante o século XX alguns fatores favoreceram a divisão do Estado de Mato Grosso, dentre os quais destacam-se a diversidade e extensão territorial que dificultava o desenvolvimento do Estado de forma igualitária e o jogo político existente para uma proposta de divisão estadual, o qual é observado durante a Revolta Constitucionalista que durou 90 dias e proporcionou à parte sul do referido Estado criar e instalar um governo próprio⁵. Assim, formou-se em na parte sul do território de Mato Grosso, a divisão territorial que mais tarde chamou-se como Mato Grosso do Sul.

Entende-se como conceito de revolução a concepção proposta por João Ribeiro Júnior⁶ (p. 300) conforme segue:

[...] o povo tem o direito de intervir nos delitos governamentais e as forças revolucionárias, por sua vez, devem assumir o poder para construir uma nova autoridade dentro do estado. A resistência ativa e passiva não é só direito, mas sim dever do cidadão. O governante ao decidir sobre sua legitimidade pode estar sujeito à resistências inclusive enfrentando violência. A revolução é uma transformação radical, mais fundamental, e tem mais probabilidade de incluir a participação do povo.

Corroborar-se com a ideia de Silva⁷ (2015) quando destaca que o conceito de revolução é complexo e moderno, passando a se distinguir pela passagem do sentido de uma revolução política para uma revolução social. Bezerra⁸ (1988) salienta ainda que os movimentos e as lutas políticas que tivessem momentos de instabilidade social, ganharam espaço a partir da ideia de que o objetivo de uma revolução trata-se de modificações no processo histórico brasileiro. Com base nos autores elencados, compreende-se que revolução está relacionada com rupturas no campo político, econômico e social.

³CAPELATO, Maria Helena. **O movimento de 1932**. A causa paulista. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁴NUNES, Vanessa. **Revolução Constitucionalista de 1932**: articulações de um movimento. 2005. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/outubro2011/historia_artigos/10historia_artigo_nunes_vanessa.pdf. Acesso em 24/09/2018.

⁵LOBATO, Alessandra da Silva et al. A formação histórico-territorial do Mato Grosso, as transformações e impactos decorrentes da expansão da soja. **Revista Para Onde**, v.4 n.1, 2010, p. 1-20.

⁶RIBEIRO JUNIOR, João. **Teoria geral do estado e ciência política**. 2ª Ed. São Paulo: EDIPRO, 2001.

⁷Oliveira da Silva, Ricardo. Revolução, história e tempo. **Revista História: Debates E Tendências**, (2015). 15(1), 252-268.

⁸BEZERRA, Holien Gonçalves. **O jogo do poder: Revolução Paulista de 32**. São Paulo: Moderna, 1988.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar municípios do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, que apoiaram os paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932.

O recorte temporal consiste no período da Revolução Constitucionalista em São Paulo, ocorrida entre julho de 1932 e outubro de 1932. A pesquisa é de cunho qualitativo e visa traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social⁹, ou seja, aprofundar a compreensão por meio da revisão bibliográfica de um determinado grupo, como é o caso do movimento da revolução constitucionalista no Vale do Taquari. Os procedimentos metodológicos consistiram na pesquisa em bibliotecas, arquivos e jornais existentes no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul.

A delimitação espacial do estudo é o estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente os municípios do Vale do Taquari que tiveram envolvimento com a Revolução Constitucionalista, tais como Encantado, Lajeado e Progresso. O referencial bibliográfico para a pesquisa baseou-se em autores que tratam a temática no cenário brasileiro, tais como Pesavento (1992), Fausto (2003), Kuhn (2004), Nunes (2005) e Rodrigues (2010), assim como no Vale do Taquari a exemplo de Schierholt (1992), Ferri (1998; 2007); Trombini e Laroque (2011).

Antecedentes da Revolução Constitucionalista no Brasil

Alguns fatores do contexto brasileiro do século XX e que se estenderam até a década de 1920 apresentam-se como as principais motivações para a eclosão da Revolução Constitucionalista. Dentre estes é possível apontar a difícil situação econômica que o Brasil enfrentava, como é o caso da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), instigadora para o desenvolvimento de uma economia exportadora. Outro fato ocorreu em 1924, quando o levante tenentista, liderado por militares, tomou a cidade de São Paulo e contestou a ação política e social dos governos representantes das oligarquias cafeeiras¹⁰.

No ano seguinte, em 1925, surge a Coluna Prestes em oposição às classes dominantes da Primeira República. Esta coluna estava composta por gaúchos e paulistas, simpatizantes do comunismo¹¹. Em 1926, foi criado o Partido Democrático (PD) em São Paulo, que disputava as urnas com o Partido Republicano Paulista (PRP). Eles se uniram aos revolucionários e passam a integrar a Aliança Liberal, que possibilitou a chegada de Getúlio Vargas à

⁹NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

¹⁰FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11. Ed. São Paulo: Editora da USP/Fundação do Desenvolvimento da Educação, 2003.

¹¹SODRÉ, Nelson Werneck. **O Tenentismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

presidência da República, acompanhado de João Pessoa, como vice-presidente¹². Em 1929, temos o declínio do café, o principal produto de exportação brasileira, o que afetou a economia e conseqüentemente os produtores paulistas¹³.

A Aliança Liberal (AL) englobava o tenentismo que também apresentava a ideia de centralização do poder, mas combatia a dominação dos estados mais poderosos, tais como São Paulo e Minas Gerais, os quais faziam parte da república do café-com-leite. No contexto político-brasileiro, o sistema era conhecido como a política do café-com-leite, em que os dois estados, São Paulo e Minas Gerais, alternavam-se no poder a cada quatro anos¹⁴. No ano de 1930, o candidato deveria ser um mineiro, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Porém, Washington Luís que representava o estado de São Paulo, candidatou-se oficialmente à presidência da república nas eleições para o próximo mandato.

O estado de Minas Gerais descontente com esta situação rompeu alianças com São Paulo e uniu-se com a bancada gaúcha no Congresso Nacional, prometendo apoio a Getúlio Vargas com uma chapa oposicionista nas eleições de 1930. Em outubro de 1930, com o golpe liderado por comandantes militares e jovens políticos no Rio de Janeiro, Washington Luís foi deposto e o poder político entregue provisoriamente, em novembro do mesmo ano, ao gaúcho Getúlio Vargas¹⁵.

Vitoriosa a Revolução de 1930, Vargas foi nomeado chefe do "Governo Provisório", um sistema que representava o fim da supremacia política paulista e mineira. A partir de então o governo de Getúlio prometia democratizar o país pela convocação da Assembleia Constituinte¹⁶. Apesar dos democráticos saírem vitoriosos em 1930, decepcionaram-se com a política do governo Vargas e aliaram-se a outros políticos em São Paulo e demais classes sociais. Bezerra (1988) destaca que houve uma articulação entre classes dominantes e a sociedade, onde as tensões políticas e econômicas deram ênfase para iniciar uma revolução¹⁷. Entretanto, tanto a democratização como a Constituinte não aconteceram, o que leva os governos paulista e mineiro, bem como outras forças brasileiras, a intimidar o presidente mesmo se fosse necessário recorrer à força armada.

Entre 1930 e 1931, os tenentes procuravam se organizar em regiões revolucionárias por Estado, formando clubes com vista à afirmação da sua política. Os opositores apoiaram o

¹²TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30: a dominação oculta**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

¹³PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

¹⁴FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11. Ed. São Paulo: Editora da USP/Fundação do Desenvolvimento da Educação, 2003.

¹⁵KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do sul**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

¹⁶LAMOUNIER, Bolívar. **Os grandes líderes: Getúlio**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

¹⁷BEZERRA, Holien Gonçalves. **O jogo do poder: Revolução Paulista de 32**. São Paulo: Moderna, 1988.

movimento tenentista e conseqüentemente, receberam apoio destes para se colocarem no poder em seus respectivos estados. Maria Helena Capelato (1981, p. 8) ressalta que [...] “análises sobre a década de 30 apontam para 32 um momento de luta entre os tenentes no poder e a oligarquia paulista [...]”¹⁸. Fortalecendo esta ideia, em 1931 o Partido Democrático procurou alianças com outros estados, rompeu com Getúlio Vargas e acordou com o Partido Republicano Paulista, formando assim a Frente Única Paulista¹⁹.

A oposição paulista gostaria de estar à frente do governo provisório do estado, motivo pelo qual se aliou aos seus inimigos para lutar contra a centralização do poder e pela volta da autonomia de São Paulo, pois não aceitava um regime político que restringia seu poder, bem como impedia seu desenvolvimento e progresso. Vale lembrar que os grandes latifundiários de São Paulo não ficaram do lado de Washington Luís, pois ele tinha recusado financiar a aquisição dos excedentes da enorme produção de café em 1929-1930.

Sendo assim, burguesia, classe conservadora e classe média paulista, que se viam atingidas em seus direitos econômicos, uniram-se em apoio à Revolução. A solução armada partiu também da insatisfação de outros cinco grupos da sociedade contra a eficácia do tenentismo e do governo provisório, favoráveis à volta de uma constituição como é o caso: 1) Partido Democrático (insatisfeitos com os rumos da revolução); 2) As Forças Armadas (descontentes com as intervenções do tenentismo); 3) FIESP e Assistência Comercial (favoráveis à democracia e autonomia estatal); 4) Partido Republicano Paulista (chance de recuperarem seu antigo poder); 5) Conjunto amplo de pessoas.²⁰

Com toda esta situação política e social, além de São Paulo tem-se os estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais no surgimento de frentes únicas contra a ditadura de Getúlio Vargas. No Rio Grande do Sul os dois partidos, Republicano e Libertador, representados respectivamente por Raul Pila e Borges de Medeiros, se uniram com João Neves de Fontoura para estabelecer aliança com Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Já em Minas Gerais a iniciativa foi do ex-presidente Arthur Bernardes e de Mário Brandt. Assim, se formavam grupos nos estados que eram contra a posição Getulista, ajudando na conspiração do movimento constitucionalista²¹.

¹⁸CAPELATO, Maria Helena. **O movimento de 1932**. A causa paulista. São Paulo: Brasiliense, 1981.

¹⁹NUNES, Vanessa. **Revolução Constitucionalista de 1932**: articulações de um movimento. 2005.

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/outubro2011/historia_artigos/10historia_artigo_nunes_va_nessa.pdf. Acesso em 24/09/2018.

²⁰RODRIGUES, João Paulo Levante Paulista de 1932: entre os domínios da memória e os (des)caminhos da história. **Projeto História**, 2010 v. 41, p. 125-153.

²¹FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11. Ed. São Paulo: Editora da USP/Fundação do Desenvolvimento da Educação, 2003.

A Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul

Insatisfeitos com a situação econômica e política brasileira e ainda mais com a demora pela Constituição, os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais criaram Frentes Únicas contra a ditadura de Getúlio Vargas. No Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha do Partido Republicano Liberal (PRL) tornou porta-voz da corrente oligárquica gaúcha, ficando ao lado de Vargas. Esse partido visava desenvolver economicamente o Rio Grande do Sul, integrando-o no mercado nacional. Neste sentido, Sandra Pesavento²² (1992, p. 109), destaca:

O PRL aceitava a tutela do centro, que era entendida como “colaboração” e não “subordinação” Identificava-se com as diretrizes impostas à economia brasileira por Vargas, sendo o Rio Grande concebido como “cooperador do progresso nacional”. [...] Socialmente, o PRL obrigou elementos da burguesia rio-grandense nas mais diferentes frações: agropecuaristas, comerciantes e industriais, além de profissionais liberais egressos das classes médias.

Vale ressaltar que a ala regionalista era formada pela classe dominante gaúcha, como o político Assis Brasil. O governo provisório de Vargas procurava punir os militares que haviam empastelado o diário Carioca e assim, conseqüentemente, os gaúchos que ocupavam cargos em seu ministério se retiravam. Dentre estes políticos do Partido Republicano Rio-Grandense, aponta-se Borges de Medeiros e do Partido Libertador, destacam-se Maurício Cardoso e Raul Pilla, os quais solicitaram uma imediata reconstitucionalização do país. Em 1932, com o posicionamento político do então interventor federal no Rio Grande do Sul, general José Antônio Flores da Cunha de permanecer ao lado do Governo Provisório, ocorreu uma cisão no estado gaúcho, gerando uma crise política, fomentando a oposição de grupos florista e getulista *versus* antifloristas e antivarguistas²³.

Borges de Medeiros, Maurício Cardoso e Raul Pilla deixaram seus cargos em São Paulo e retornaram ao Rio Grande do Sul. Em 14 de agosto de 1932, saíram para o interior visando mobilizar as pessoas em apoio a São Paulo, bem como combater a intervenção instalada no Brasil²⁴. Em linhas gerais o estado de São Paulo ficou sozinho, porque Minas

²²PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

²³FILATOW, Fabian. Combate do Fão: episódio político-militar da revolução constitucionalista no rio grande do sul. **Revista CIPPUS**, v.2, n.1, maio, 2013, p. 68-81.

²⁴DONATO, Hernâni. **Dicionário das Batalhas Brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária**. São Paulo: Ed. Ibrasa, 2001.

Gerais, Mato Grosso do Sul e uma grande parte do Rio Grande do Sul oficialmente apoiaram Getúlio Vargas.

Fábio Kühn²⁵ (2004, p. 125-126), a este respeito informa:

Pacificado o estado, Flores da Cunha organizou o Partido Republicano Liberal (PRL) de apoio a Vargas, tendo como programa reformista desenvolver economicamente o Rio Grande do Sul, colocando-o no mercado nacional. Em termos de sua composição social, pode-se afirmar que o PRL foi representativo pelos interesses da burguesia (agropecuária, comercial e industrial) rio-grandense.

No Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha, nomeado pelo presidente Getúlio Vargas, colocou corpos provisórios em todos os municípios gaúchos para combater os rebeldes. Segundo Héliogio Trindade (1993, p. 181), o movimento de 1932 não alcançou maior repercussão interna no Rio Grande do Sul devido, principalmente, à profunda cisão havida entre os líderes. A ruptura Borges *versus* Aranha, Vargas e Flores provocou uma divisão dentro do partido.

Todavia, aconteceu mobilização de grupos que apoiavam a causa paulista. Artur Ferreira Filho²⁶ ([1958]1978, p. 232-233) ao estudar o tema destaca:

[...] dois levantes que ocorreram, um em Vacaria e outro em Soledade, o que terminou no Combate do Fão, quando as forças rebeldes são chefiadas por Cândido Carneiro e pelo Cel. Urbano Benigno dos Santos; outro de menor vulto em Nonoai e a tentativa frustrada de Lindolfo Collor e, Marcial Terra, para formar uma coluna em Tupanciretã e Santiago do Boqueirão.

Carlos Roberto da Rosa Ranger²⁷ (2007, p.26), ao analisar a questão da Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul, salienta:

Sabe-se quanto foi tímida a participação dos setores populares na Revolução Paulista, mas no Rio Grande do Sul a mobilização foi frustrante. Um levante em Vacaria, facilmente subjugado pela Brigada militar; uma fuga cinematográfica de Batista Luzardo e Borges de Medeiros de Porto Alegre, no fundo de um barco pelo rio Guaíba, seguindo do vexame nas mediações de Santa Maria, onde uma pequena força rebelde foi cercada, provocando a fuga de Luzardo ao Uruguai e a prisão de Borges de Medeiros, que se entregou sem ter dado um único disparo.

²⁵KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do sul**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

²⁶FERREIRA, Filho Arthur. **História Geral do Rio Grande do Sul (1503-1964)**- 5 ed. Porto Alegre: Globo; [1 ed.1958] 5. ed.1978.

²⁷RANGER, Carlos Roberto da Rosa. O governo de Flores da Cunha. In: BOEIRA, Nelson. GOLIN, Tau. (orgs.) **República: da revolução de 1930 à ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. – v.4 p.– (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

Na 3ª Região Militar, em Porto Alegre, sob comando do General de Divisão Francisco Ramos de Andrade Neves, manteve-se em posição de defesa ao governo federal. Entretanto, passou a enfrentar problemas por causa da insatisfação das lideranças políticas do estado, que se sentiram desprestigiadas por Getúlio Vargas. Nas medidas de mobilização, a região de Porto Alegre autorizou ainda que se aceitasse que seus proprietários se utilizassem de seus cavalos para prestar serviços imediatamente para fins militares, sem o caráter de requisição, dando-se apenas um recibo.

Flores da Cunha enviou tropas da Brigada Militar do Rio Grande do Sul para combater a revolução, rompendo assim, definitivamente, o compromisso assumido pelos gaúchos junto aos paulistas. Borges de Medeiros, Raul Pilla, Lindolfo Collor e Batista Luzardo discordaram dessa decisão e, recusando a posição de espectadores do esmagamento dos constitucionalistas, articularam a eclosão no Rio Grande do Sul de um movimento capaz de reter as forças legalistas do estado e diminuir a pressão sobre os paulistas. Promoveram então levantes em diversas localidades, como Santa Maria, Soledade e Júlio de Castilhos, mas não obtiveram o esperado apoio da Brigada Militar, conseguindo reunir apenas algumas centenas de homens mal armados²⁸.

Estes focos poderiam surgir no estado para apoiar São Paulo, visto que os principais chefes políticos do Rio Grande do Sul, como Borges de Medeiros e Raul Pilla, já se haviam manifestado a favor do movimento revolucionário paulista. Sobre isto Gino Ferri²⁹ (1998, p. 59), destaca:

Entre os Corpos Auxiliares da Brigada Militar, formados no Rio Grande do Sul, dois tiveram destacada atuação. O 3º Corpo Auxiliar denominado “PÉ NO CHÃO”, formado nos 6º e 8º distritos de Palmeiras das Missões, Guarita e Fortaleza, comandado pelo Tenente Coronel Serafim de Moura Assis, que combateu os focos revolucionários no Estado, seguindo após para São Paulo, onde participou ativamente nos combates travados contra as forças paulistas daquele Estado.

Também foram criados outros Corpos Auxiliares, como em São Francisco de Paula e nos municípios do alto da serra, como Espumoso, Ibirapuitã e Jacuizinho, sob o comando do Coronel Armando Ribeiro Severo, que teve atuação também em Encantado e Soledade.

²⁸CPDOC. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolucao-de-1932-1> acesso em 25/09/18.

²⁹FERRI, Gino. **Por que Encantado a favor de São Paulo?** Encantado: GRAFEN, 1998.

Mesmo assim, com os Corpos Provisórios nos municípios, houve mobilização de grupos que apoiavam a causa paulista. Sobre isto Agostinho Toffoli Tavoraro³⁰ (2004, p. 6) informa:

Que São Paulo não desejava separar-se do Brasil comprovam os fatos pois, durante os três meses que durou a revolução (de 9 de julho a 2 de outubro de 1932) lutas com o objetivo de apoiar a revolução houve no Rio Grande do Sul (Vacaria, Pelotas, São João, Caçapava, Rio Fão e Serro Alegre).

Assim evidencia-se que no Rio Grande do Sul surgiram levantes armados em favor de São Paulo. Com isso concordamos com a ideia de Francisco Falcon³¹ (1997 p. 65) sobre o fato de que [...] “poder é sempre poder do estado – instituições, aparelhos, dirigentes; os “acontecimentos” são sempre eventos políticos, pois são estes os temas nobres e dignos da atenção dos historiadores” [...]. Dentre as localidades aponta-se municípios como Caçapava do Sul, Vacaria, Lagoa Vermelha, Pelotas, Cerro Alegre, São Sepé, Soledade, Encantado e Lajeado³².

O Vale do Taquari/RS na Revolução Constitucionalista

O Vale do Taquari é uma denominação geopolítica, criada a partir dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES³³ - e encontra-se localizada na porção centro-leste do território do Rio Grande do Sul, com trinta e seis municípios membros. Nesta região encontram-se registros a partir da historiografia regional de alguns municípios que se manifestaram a favor da causa paulista, como Encantado, Lajeado e Progresso, conforme mapa (Figura 1).

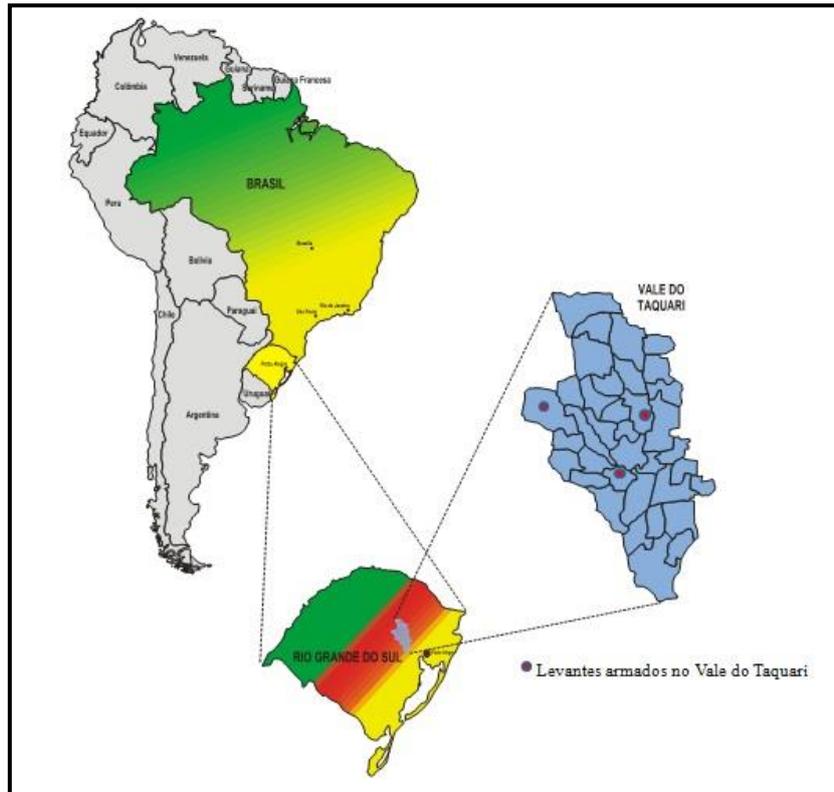
³⁰TAVOLARO, Agostinho Toffoli. **Revolução Constitucionalista de 1932: um exemplo para os jovens de hoje.** Da Academia Campinense de Letras. Disponível em: <http://www.tavolaroadogados.com/doutrina/cs592.pdf>. Acesso: em 10 jun. 2017.

³¹FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

³²DONATO, Hernâni. **Dicionário das Batalhas Brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária.** São Paulo: Ed. Ibrasa, 2001.

³³Segundo Aguiar (2009), a região hoje conhecida como Vale do Taquari é uma conotação recente, atribuída pós Constituição de 1988, onde foram criados os Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES – que se tornaram a divisão regional oficial do Estado. Antes deste, o território do Vale era determinado em duas regiões, sendo elas região Colonial Alto Taquari (Anta Gorda, Arvorezinha, Casca, David Canabarro, Fontoura Xavier, Guaporé, Ilópolis, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Prata, Paraí, Putinga e Serrafina Corrêa) e região Colonial do baixo Taquari (Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul, Encantado, Estrela, Lajeado, Muçum, Nova Bréscia e Roca Sales).

Figura 1 – Municípios do Vale do Taquari a favor da causa paulista



Fonte: TROMBINI, 2015³⁴.

Estes municípios do Vale do Taquari, assim como outros do Brasil, esperavam pela nova constituição e não estavam satisfeitos com a situação do nosso país, enviando assim pequenas tropas para apoiar a causa paulista. Os movimentos em favor da Revolução de 1932 no Vale do Taquari podem estar articulados com o estudo de Ribeiro Júnior (2001, p. 313) ao afirmar que “geralmente os problemas advindos de uma revolução total são relacionados pela esperança de uma melhor vida do que pela própria revolução em si”. Um dos autores regionais do Vale do Taquari, como Gino Ferri³⁵ (2007, p. 70), destaca a participação e apoio do município de Encantado durante a Revolução de 1932:

No estado do Rio Grande do Sul, apenas alguns municípios manifestaram-se a favor de São Paulo, entre os quais ENCANTADO. O Prefeito Cel. José Rodrigues Sobral, reuniu os subprefeitos, o Conselho Consultivo, políticos, lideranças municipais e outras pessoas que, em histórica reunião, decidiram apoiar a Revolução de São Paulo, mesmo contra seu parecer pessoal.

³⁴TROMBINI, Janaíne. **Adaptação do Mapa dos municípios do Vale do Taquari em apoio à causa paulista**. 2015.

³⁵FERRI, Gino. **Encantado, sua história, sua gente**. Encantado: AJP, 2007.

Relativo ao município de Estrela, no Vale do Taquari, encontramos apenas um informe. Conforme outro autor regional, José Alfredo Schierholt³⁶ (2002, p. 203), não houve uma participação efetiva:

A Revolução Constitucionalista não teve efeitos destruidores em Estrela. Diante de seu porto, apenas forças da brigada Militar passaram, para reprimir levantes na zona alta de Lajeado e Soledade, onde deu o Combate do Fão, na Barra do Dudulha, na noite chuvosa de 12 para 13-09-1932, com mortos e feridos.

Com base em algumas bibliografias encontradas na região pesquisada, selecionou-se dois municípios os quais se posicionam favoráveis à Revolução Constitucionalista de 1932: Encantado e Lajeado. Vale ressaltar que o município de Progresso durante a Revolução Constitucionalista era distrito de Lajeado e chama-se de Vila Progresso. Por isso, este município será abordado juntamente com Lajeado.

Encantado

O município de Encantado em setembro de 1932 também deu apoio à Revolução Constitucionalista. O prefeito deste município na época era o Coronel José Rodrigues Sobral, que convocou uma reunião dos encantadenses para decidir o rumo político favorável ou não à causa paulista. Desta forma, reuniram-se os subprefeitos dos distritos de Encantado, os conselheiros nomeados, políticos, as forças vivas do município e outras pessoas que estavam presentes. Segundo Gino Ferri³⁷ (1998, p. 64), temos:

A histórica reunião, realizou-se no Salão Nobre da prefeitura Municipal de Encantado, localizada na rua Dr. Júlio de Castilhos, em frente do atual prédio da casa de Cultura Dr. Pedro José Lahude. No início, o Coronel Sobral fez um amplo relato dos acontecimentos, tanto no Estado como no país, especialmente em São Paulo, deixando então a palavra à disposição dos presentes. Vários oradores se manifestaram. Uns contra e outros a favor, do que resultou em um acirrado debate, com nítidas tendências da participação nos acontecimentos, em apoio ao movimento revolucionário paulista.

O Coronel Sobral se opunha que Encantado apoiasse o estado de São Paulo, pois se tomassem atitude contrária ao governo do estado provocaria uma revolta neste município. Mesmo assim, a maioria dos presentes na reunião optou em apoiar a causa paulista e a reivindicar uma nova Constituição Federal. Como situação favorável tem-se a dos chefes políticos rio-grandenses, como Borges de Medeiros, Raul Pilla e João Neves de Fontoura o recebimento do apoio da população encantadense.

³⁶SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrela: Ontem e Hoje**. Lajeado: [s.e.] 2002.

³⁷FERRI, Gino. **Por que Encantado a favor de São Paulo?** Encantado: GRAFEN, 1998.

Para qualquer situação desfavorável a Getúlio Vargas dentro do Rio Grande do Sul, o governo posicionava-se no sentido de interromper forças revolucionárias. Em Encantado, segundo Gino Ferri³⁸ (1998, p. 65) tem-se que “[...] foi enviada uma força policial, composta por um Corpo Auxiliar da Brigada Militar, oriundo de São Francisco de Paula e de outras vilas de cima da serra, sob o comando do Coronel Armando Ribeiro Severo [...]”. O mesmo Coronel desceu a serra para chegar a Encantado, na margem esquerda do Rio Taquari, até a localidade de Marquês do Herval, hoje município de Roca Sales. Já na descida do morro do Picão, próximo a Marquês do Herval, o Coronel Severo através de seu binóculo procurava qualquer pista de inimigos. Sobre isto o mesmo autor³⁹ (1998, p. 66) destaca:

Os boatos eram os mais desconhecidos. Ouvia-se, inclusive, que poderia haver resistência à invasão da Vila e que sobre telhados da prefeitura e de outros prédios, estariam assentadas várias metralhadoras, para defesa da Vila, ante a eminente invasão pelas forças legais do governo do estado.

No dia 19 de setembro, o General Flores da Cunha nomeou para cargo de subprefeito de Encantado o Coronel Martim Leonardo. Este ainda deveria exercer as funções de delegado da polícia no lugar de Sebastião Rosa da Silveira, que foi chamado para Porto Alegre, devendo apresentar-se no Comando Geral da Brigada Militar.

Na cidade de Encantado o prefeito apoiador dos revolucionários, com medo das tropas do governo rio-grandense, entre os dias 04 a 20 de setembro de 1932 passou o cargo a Dionísio Peretti, secretário municipal, e refugiou-se na Linha Garibaldi, a cinco quilômetros da cidade. Com a invasão das tropas do governo em 20/09/1932, o juiz de paz, João Francisco de Pinedo, solicitou para ficar na prefeitura durante a noite prevenindo qualquer dano ou invasão com a ajuda do amigo Luiz Ferri (prefeito provisório), Dionízio Peretti e do Tenente Sebastião Rosa da Silveira.

Neste mesmo dia o Corpo Auxiliar da Brigada Militar invadiu a vila de Encantado tomando conta da Prefeitura Municipal. As ruas estavam desertas, pois a população temendo as forças do Corpo Auxiliar da Brigada Militar, manteve-se em suas casas ou refugiaram-se em matos próximos. Gino Ferri⁴⁰ (p. 68) informa que “[...] às nove horas do dia 21 de setembro, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal, o subprefeito do 1º Distrito e Delegado de polícia Coronel Martim Leonardo assumia o cargo de Prefeito Municipal de Encantado. [...]”.

O ex-prefeito, Coronel José Rodrigues Sobral, tomando conhecimento dos fatos acontecidos, regressou da Linha Garibaldi para a vila e encontrou na prefeitura as forças

³⁸FERRI, Gino. **Por que Encantado a favor de São Paulo?** Encantado: GRAFEN,1998.

³⁹FERRI, Gino. **Por que Encantado a favor de São Paulo?** Encantado: GRAFEN,1998.

⁴⁰FERRI, Gino. **Por que Encantado a favor de São Paulo?** Encantado: GRAFEN,1998.

governamentais. Refugiou-se novamente para o interior, agora no distrito de Roca Sales, na localidade denominada Arroio Augusto e hospedou-se na casa de um agricultor que ficava em frente à vila de Encantado. Sobre isto Gino Ferri⁴¹ (p. 72) destaca:

O Coronel José Rodrigues Sobral refugiou-se então, no interior do município de Roca Sales, na localidade de Arroio Augusto, hospedando-se na casa de um agricultor, morador em frente à vila de Encantado, de onde de binóculos, podia visualizar qualquer movimento de maior vulto que ocorresse na vila.

A tropa do Corpo Auxiliar Militar que estava em Encantado, sob o comando do Coronel Armando Ribeiro Severo, seguiu até o município de Soledade e lá encontrou a cidade apaziguada, pois o grupo do General Candoca foi vencido pelas forças da Brigada Militar no dia 13 de setembro na localidade de Barra do Dudulha, na época interior de Soledade⁴². No dia 17 de outubro, não encontrando existência em Soledade, regressou a Encantado.

No dia seguinte, o Coronel Armando Severo assumiu o cargo de prefeito municipal, conforme decreto do interventor Flores da Cunha, em substituição ao prefeito interino Cel. Martin Leonardo. O ex-prefeito Coronel José Rodrigues Sobral, que havia se refugiado no interior e após em Roca Sales, entregou-se à Brigada Militar, sendo preso e conduzido a Porto Alegre. Sendo assim, no município de Encantado o movimento a favor da Revolução Constitucionalista não obteve mais ressaltos.

Lajeado

Além de Encantado, o município de Lajeado colocou-se ao lado da Revolução Constitucionalista em 1932. Nesta época o prefeito nomeado para Lajeado era Manuel Ribeiro Pontes Filho, que desejava como medidas convenientes uma nova constituição para o país e o fornecimento de auxílio para o município. Há ainda a questão de que as promessas feitas por Getúlio pela constituição também não estavam sendo cumpridas, gerando descontentamento para a população lajeadense e assim, o afastamento do prefeito Manuel Pontes Filho. Sobre isto José Alfredo Shierholt⁴³ (p. 150) destaca:

⁴¹ FERRI, Gino. **Por que Encantado a favor de São Paulo?** Encantado: GRAFEN, 1998.

⁴² LAROQUE, Luís Fernando da Silva; TROMBINI, Janaíne. A Revolução Constitucionalista de 1932 no Rio Grande do Sul: O Combate do Fão em Municípios de Fontoura Xavier, Pouso Novo e Progresso. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência (UNICAMP)**, v. 1, p. 1-17, 2011.

⁴³ SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrela: Ontem e Hoje**. Lajeado: [s.e.] 2002.

Não são conhecidas as razões do afastamento de Pontes Filho da prefeitura de Lajeado. Há na história oral depoimentos relacionados à sua omissão quanto aos movimentos revolucionários. Ou não tomou conhecimento das manifestações da oposição em apoio aos constitucionalistas ou não acreditou em sua evolução para vias de fato. Há boatos de desvio de armamentos na Prefeitura e sabia-se abertamente que numerosas pessoas estavam se preparando pra formar um agrupamento armado para ingressar nas forças sob comando do “general” Candoca.

Os revolucionários do município que apoiaram a Revolução Constitucionalista tinham pouca experiência na luta armada, sendo a maior parte trabalhadores do comércio e da indústria, ou partidários Republicanos e Liberais de Lajeado. O Jornal Correio do Povo⁴⁴ trata:

O jornalista e chefe político, foragido da Polícia, coronel Antenor Lemos, que havia se refugiado em Lajeado, reuniu, em setembro, um grupo de voluntários e rumou para a localidade de Campo Branco, no interior do município. Ele conseguiu o armamento, no porão da Prefeitura de Lajeado, mas não tinha munição. 'A movimentação era para ser sigilosa, mas todos comentavam o que estava acontecendo, especialmente familiares e amigos dos voluntários', observa o historiador. Os rumores chegaram ao Palácio do Governo, em Porto Alegre, e Flores da Cunha alertou autoridades e lideranças de Lajeado sobre a revolta suicida. Ele ofereceu anistia aos envolvidos. Enquanto isso, um contingente da Brigada Militar subiu pelo Rio Taquari para conter o foco revolucionário, porém lajeadenses se anteciparam, levando as notícias a Campo Branco e fazendo com que todos retornassem.

Os lajeadenses, sem comando formal, seguiram para a localidade de Campo Branco (hoje interior do município de Progresso), próximo à divisa dos municípios de Lajeado e Soledade, passando pela Vila Progresso (hoje município), para se incorporar com a tropa do general Candoca, vinda de Soledade⁴⁵. Ainda José Alfredo Schierholt⁴⁶ (p. 25) complementa:

Em Lajeado apareceu nesta época, foragido de Porto Alegre, Antenor Lemos, muito amigo de Orlando Fett. Era maragato de 1923, como a maioria dos novos antigetulistas. Antenor começou logo a procurar ligações políticas. Armas podia-se comprar em qualquer parte e as armas militares que estavam na prefeitura, Pontes Filho permitiu que fossem tiradas.

Com base nas fontes analisadas, é possível perceber que o movimento a favor da revolução de 1932 ocorria por algumas lideranças, como Antenor Lemos. No Jornal O

⁴⁴ Correio do Povo. **Distrito preserva vestígios da Revolução Constitucionalista**. Porto Alegre, p. 17, de 08 de julho de 2009.

⁴⁵ PAULA, Jorge de. **O Fão. Episódio da revolução de 1932**. Passo Fundo: Serrador, 1933.

⁴⁶ SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I**. Lajeado: Prefeitura Municipal (editor), 1992.

Informativo do Vale⁴⁷ (p. 15), encontram-se alguns nomes dos voluntários de Lajeado, os quais apoiaram a Revolução de 1932, conforme segue:

Adolfo Germano Hexsel, Afonso Schossler, Alberto Lange, Alberto Müller Sobrinho, Alfredo Einloft, Alfredo Grohmann, Alfredo Pedroso da Silva, Alfredo Vargas da Silva Castro, Alvino Simão Jardim, Anélio Miranda Lima, Alberto Antônio Pereira, Antenor Lemos, Antônio Alves Moraes, Antônio Fernandes da Silva, Antônio Joaquim de Mello, Antônio Olívio da Fonseca, Antônio Toledo, Armindo Rockenbach, Armindo Roos, Arno Einloft, Artur Eugênio Hexsel, Benjamim José Rodrigues, Carlos Coelho, Carlos Pereira Camargo, Carlos Stein, Constante Galvão d'Almeida, Deocy Vianna de Lima, Deodino Nunes, Deolino Alves Dias, Edvino Leopoldo Schneider, Elear Boher Ernesto Wiehe, Firmino dos Santos, Fredolino Lauermann, Francisco Antônio Pereira, Herberto von Hessel, Germano Cezar Mylius, Germano Satter, etc.

Os voluntários de Lajeado tinham consigo um fotógrafo que registrou um dos episódios⁴⁸ já na comunidade de Campo Branco, hoje município de Progresso. Nesta fotografia aparecem cerca de cem civis trajando roupas, em parte, fornecidas pela Brigada Militar. Através deste documento iconográfico pode-se articular a participação de um grande número de pessoas, as quais estavam acompanhadas de armamentos (Figura 2).

Figura 2: Combatentes de Lajeado



Fonte: TROMBINI, s/d.

⁴⁷ O Informativo do Vale. **Voluntários de Lajeado**. Lajeado, p. 15, 17 de setembro de 2009.

⁴⁸ TROMBINI, Leda Tedeschi. **Grupo de voluntários de Lajeado**. s/d. 1 fotografia. 30 cm x 20 cm.

Neste sentido observa-se que a fotografia, conforme destaca Paula⁴⁹ (1999) , são documentos de fundamental importância para confrontar discursos dos participantes. Assim, neste estudo percebe-se que as possibilidades do uso de fotografia na pesquisa histórica contribui para as pesquisas sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 no Vale do Taquari, um tema pouco explorado na historiografia regional bibliográfica.

Ao retornar para Lajeado, o fotógrafo foi preso pela Brigada e forçado a revelar o filme, possibilitando a identificação dos revolucionários⁵⁰. Este levante, oriundo de Lajeado, tentava encontrar-se com as tropas de Candoca, na localidade de Quatro Léguas (hoje município de Boqueirão do Leão), para juntos atacar as tropas governamentais. Sobre isto Leandro Lampert⁵¹ (p. 64) destaca:

Os lajeadenses, entre eles o nosso pai, [Mario Lampert] chegaram a participar de uma surtida de forças que visava encontrar destacamento vindo de Soledade, para atacar as forças da Brigada Militar na localidade de Quatro Léguas. Perderam-se e não lograram encontrar seus companheiros nem os soldados legalistas. Decepcionados, retornaram para Campo Branco. As comunicações entre as tropas eram precaríssimas.

Sem uma comunicação entre as tropas, os voluntários de Lajeado voltaram para Lajeado e ficaram sabendo sobre a derrota do Combate do Fão sob comando de Candoca e após, precisamente também sobre a derrota de São Paulo. Neste sentido, Leandro Lampert⁵² (p. 66) também informa:

Mário Lampert e seus companheiros, desmobilizado na véspera, ao chegar em Lajeado e, informado das ocorrências, voltou no dia seguinte ao local do combate e juntamente com o escrivão de registro civil do distrito de Fão, Mário Cattoi, levando o médico Dr. Renê Flores e suprimentos para atender aos feridos e sepultar os partidários mortos.

Não obtendo resultados no município de Lajeado e dominadas as tentativas de revolta, Getúlio Vargas e Flores da Cunha substituíram os prefeitos em todos os municípios do Rio Grande do Sul, nomeando assim os que tivessem maior identificação e apoio ao seu governo estadual e federal. Em Lajeado assumiu logo após a tentativa de revolta o novo prefeito, Oscar da Costa Karnal.

Frente às informações apresentadas, constatou-se que nos municípios da região no Vale do Taquari, como Encantado, Lajeado e Progresso houve movimentos favoráveis à

⁴⁹ DE PAULA, Jeziel. **1932: imagens construindo a história**. Campinas/Piracicaba: Editora da Unicamp, 1999.

⁵⁰ PAULA, Jorge de. **O Fão. Episódio da revolução de 1932**. Passo Fundo: Serrador, 1933.

⁵¹ LAMPERT, Leandro. **Os Lampert: Origens, História e Genealogia**. 3. ed. Porto Alegre: 2005.

⁵² LAMPERT, Leandro. **Os Lampert: Origens, História e Genealogia**. 3. ed. Porto Alegre: 2005.

Revolução Constitucionalista. Assim, estes movimentos revolucionários fazem parte da trajetória de parte de grupos sociais no Rio Grande do Sul, os quais almejavam unir-se à causa paulista. Os acontecimentos do século XX estão vinculados segundo Oliveira da Silva⁵³ (2001) à história do seu tempo, pois proporcionam pensar nas decisões tomadas em determinada época. Estes movimentos tiveram uma representação política pelos partidos republicanos e libertador, que tinham como objetivos políticos e sociais juntar-se ao estado de São Paulo pela nova constituição e depor Getúlio Vargas do poder.

Considerações finais

A Revolução Constitucionalista iniciada em julho de 1932 no estado de São Paulo repercutiu em outros estados do Brasil, como Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Tanto o Rio Grande do Sul como o Vale do Taquari tiveram grupos de revolucionários que almejavam apoiar a causa paulista constitucionalista.

No levantamento bibliográfico e documental encontraram-se os principais motivos que levaram o Rio Grande do Sul a apoiar o estado de São Paulo, como a insatisfação política e social pela nova constituição e os lugares do estado que ocorreram manifestações com tropas governamentais, como o caso dos municípios de Santa Maria, Caçapava do Sul, Lagoa Vermelha, Soledade, entre outros. Sendo assim, entende-se que todos os levantes nos territórios do Rio Grande do Sul a favor da Revolução de 1932 foram reprimidos pelas forças militares do interventor do estado. O interventor do estado do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, não apoiou São Paulo e se manteve ao lado de Getúlio Vargas, colocando corpos auxiliares em todas as regiões do Rio Grande do Sul para que possíveis levantes e confrontos não acontecessem.

Apesar disto, surgiram muitos revoltosos que formaram levantes para apoiar a causa paulista, recebendo apoio de líderes partidários da FUG (Frente Única Gaúcha), como Borges de Medeiros, Raul Pilla e Batista Luzardo, que de uma maneira ou outra influenciaram os combatentes a apoiar a causa paulista. Os envolvidos no Rio Grande do Sul, bem como no Vale do Taquari, estavam dispostos a juntar-se ou apoiar a Revolução Constitucionalista e tiveram assim um ato de coragem, devido às forças governamentais estarem mais equipadas em armamentos e número de homens, não tinham sequer chances de vitória. Mesmo assim, os municípios de Encantado, Lajeado e Progresso mantiveram os objetivos de seguir com o

⁵³ Oliveira da Silva, Ricardo. Revolução, história e tempo. **Revista História: Debates E Tendências**, (2015). 15(1), 252-268.

apoio à Revolução de 1932 e os levantes conseqüentemente foram todos reprimidos. Concluiu-se que estes levantes armados representaram um momento político do Rio Grande do Sul e Vale do Taquari, em que pessoas contrárias a um dos ícones rio-grandenses – Getúlio Vargas – apoiaram a causa paulista mesmo reprimidos por forças governamentais gaúchas.